



Aquilino Ribeiro

Rui Marques Veloso

O que pode dizer às crianças do século XXI a literatura infantil escrita por Aquilino Ribeiro para um público leitor que pouco tem a ver com o que hoje convive com suportes electrónicos absorventes? Esta é uma questão que se levanta quando nos reportamos a uma obra que marcou uma época e que hoje tende a entrar no limbo do esquecimento.

A justa consagração que é prestada à memória deste escritor gera, naturalmente, uma reflexão sobre a sua vasta obra, o que se compreende num tempo em que se torna premente valorizar os ícones da nossa cultura; o risco da massificação, visível em múltiplas situações, tende a apagar a memória e a diluir as referências que nos enformam e que nos dão uma identidade. A dimensão europeia que reassumimos há décadas implica que o nosso olhar não se confine aos estreitos limites deste nosso espaço periférico, mas ganhe uma outra amplitude. Sentirmo-nos europeus, em termos de cidadania, em nada restringe a nossa capacidade de vincar os traços que nos tornam únicos; para isso, torna-se necessário que o nosso discurso cultural comporte elementos que remetam para uma vivência da diferença. A literatura é um dos territórios que podemos percorrer na consolidação de quem somos; não se trata de *reforço de uma hiperidentidade, de uma quase mórbida fixação na contemplação*¹, mas de um conhecimento efectivo dos nossos textos literários que nos permita uma abertura aos outros e nos facilite a descoberta da universalidade da arte.

¹ Eduardo Lourenço, *Nós e a Europa ou as duas razões*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994, p. 10.

A literatura portuguesa para crianças apresenta uma evolução muito positiva a partir dos anos 60, com particular expressão nas duas décadas seguintes. Até lá, e porque a noite do Estado Novo foi demasiado longa, é reduzida a galeria de bons autores. Aquilino, ao escrever dois livros para os filhos (*Romance da Raposa*, para Aníbal, o mais velho, *Arca de Noé – III Classe*, para Aquilino, o filho mais novo) e um outro para a neta (*O Livro de Marianinha*), cria três obras que vão encontrar leitores atentos num país carente de bons títulos.

O primeiro foi publicado em 1924 e mantém ainda hoje a frescura de uma narrativa animalista, servida por uma linguagem surpreendentemente irrequieta, que cativa a criança. Note-se que vivemos hoje um tempo em que os valores ecológicos são respeitados porque condicionam a nossa qualidade de vida; o que temos nesta obra - e daí uma das vertentes da sua actualidade - é a manifestação de um profundo amor à Natureza. Não há distorção da verdade, em nome de um assepsia destinada a não chocar as crianças, mas um justo equilíbrio entre o saber do leitor e a narrativa que retrata os jogos de poder no seio dos animais. O autor não faz concessões às preocupações moralistas que dominaram a criação literária para os mais jovens; nada impõe, deixando que, no acto mágico da leitura, se descortinem a liberdade e a solidariedade como dádivas a conquistar no nosso percurso de vida. Paralelamente, perpassa pela obra um fino sentido de humor, ora dado pelo discurso, ora pela exploração de situações marcadamente cómicas. Uma ideia-chave que Aquilino quis deixar clara, e que se mantém actual, é a de que a inteligência supera sempre a força bruta; todos sabemos quanto a criança sofre com as frequentes situações de prepotência agressiva por que passa, em particular no espaço escolar, e como é salutar ela acreditar que a violência gratuita e estúpida será sempre derrotada. Ao protagonizar simbolicamente as aventuras ali narradas, ela sente que é preciso acreditar na nossa inteligência para sairmos vencedores dos confrontos que se nos deparam todos os dias. A organização diegética está adequada à natureza de um leitor que gosta de ter arrumadas, por capítulos breves, as proezas da Saltapocinhas, estimulando a articulação entre eles como partes de um todo coerente.

No segundo livro, *Arca de Noé – III Classe*, são os animais que dominam a quase totalidade dos seis contos ali presentes. A excepção é Pedro, uma criança demasiado ingénua e intelectualmente débil para enfrentar um mundo hostil; também os outros

O autor não faz concessões às preocupações moralistas que dominaram a criação literária para os mais jovens; nada impõe, deixando que, no acto mágico da leitura, se descortinem a liberdade e a solidariedade como dádivas a conquistar no nosso percurso de vida.

animais que protagonizam estas histórias são seres frágeis e não é por isso que deixam de triunfar. Para o jovem leitor, a fácil identificação com estas personagens é nuclear. Temos novamente uma visão ajustada da Natureza onde o antropomorfismo das personagens permite compreender o que cada uma delas é. Aquilino *sabe ser os bichos, sendo ele, tanto quanto isso é literariamente possível*², como Óscar Lopes agudamente notou; o autor propõe-nos uma leitura que ultrapassa os meros conflitos ali presentes, ou seja, dos seus textos ressaltam lições de vida que serão interiorizadas à medida de cada um dos destinatários. Vamos ali encontrar a expressão de valores como a justiça, a solidariedade, a criatividade ou o direito à diferença. Estas histórias foram inicialmente criadas e contadas ao filho mais novo nos momentos difíceis das refeições; fixadas por escrito e reelaboradas em termos literários, mantêm a vivacidade da oratura inicial. Burilando todo o discurso, mas dando particular atenção aos aspectos fónicos, o ritmo da narrativa ganha uma força capaz de reter a atenção da criança; a gestão da expectativa, sabiamente trabalhada, prende a atenção do leitor, desejoso de saber o desenlace dos acontecimentos. Há uma componente pictórica que se traduz numa linguagem estimuladora da imaginação, mas igualmente na galeria de animais cujas acções inesperadas nos surpreendem.

O *Livro de Marianinha* constitui um documento humano extraordinário, pois representa a recuperação da infância do autor para ser transmitida àquele ser pequenino que é a sua primeira neta. O património oral que preenche largamente o texto é o testemunho que se passa na corrida da vida; para as mãos da destinatária vai um sem número de imagens, palavras, cheiros, sons e sabores, enfim, um tecido que a aquecerá e perpetuará uma memória que não pode ser apagada. São os ruídos de um mundo rural que chegam a uma menina lisboeta, marcas de uma cultura que se afirma pela voz não presente do avô. Esta percepção de que as diferenças culturais não são estanques, mas complementares, mostra-nos a apurada sensibilidade de Aquilino Ribeiro para o fenómeno da multiculturalidade. O primado da palavra ganha, nesta obra, uma afectividade comparável à que encontramos nos momentos em que acompanhamos o adormecer da criança; a cumplicidade que une avós e netos transparece de forma muito clara.

Adaptar para um público juvenil um clássico da nossa literatura – *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto – foi um desafio que Mestre Aquilino aceitou de Sá da Costa, na altura apostado em divulgar os grandes livros da humanidade a um público pouco sensível à grande literatura. O prefácio é elucidativo sobre a honestidade intelectual que subjaz a este trabalho – *o perfume, as harmoniosas perspectivas, o pitoresco e o encanto* foram mantidos para que não houvesse traição ao texto original. Quem poderia fazer melhor trabalho, se não o autor de *O Malhadinhas*? As características picarescas da narrativa de Fernão Mendes Pinto foram magistralmente preservadas, tal como Aquilino Ribeiro já tinha feito com a raposa Saltapocinhas, ao transformá-la num herói pícaro do mundo animal. Lê-se esta adaptação, sentindo uma fresca narrativa que nos agarra e não nos abandona até atingirmos o final. E ficamos com um olhar diferente sobre a história da nossa expansão no Índico, tal é a sinceridade recuperada das palavras do aventureiro.

² Óscar Lopes, *Modo de Ler*, Porto, Inova, s.d..

Depois desta resenha breve das obras que Aquilino Ribeiro escreveu para crianças, retomo a questão inicial – a actualidade dos seus livros face a crianças que vivem num mundo substancialmente diferente daquele que contextualizou a sua escrita. Há que reconhecer que a cultura que marca hoje crianças e jovens não se constrói de forma vertical, mas horizontal³, já que os pais remetem para a escola a obrigação de transmitir princípios humanistas que não colam com o paradigma comunicacional dominante. Quando abordamos a literatura, surge regularmente a discussão sobre o espaço dos clássicos na formação escolar dos jovens; todos nos recordamos da polémica recente em redor do investimento em textos informativos e afins, em detrimento do texto literário, relegando para plano secundário os clássicos, com a justificação, inaceitável, em minha opinião, de que pouco diriam aos jovens e ao mundo em que vivemos. Ninguém pode apreciar aquilo que não conhece; seria uma lacuna grave na formação do indivíduo a privação de um convívio, natural ou mediatizado pelo adulto (pais ou professores), com as obras clássicas de referência. Considero o *Romance da Raposa* um clássico da nossa literatura infantil, capaz de agradar às crianças de hoje como aconteceu com as crianças do passado. As outras obras atrás referidas contêm todos os ingredientes da boa literatura e, por isso, não são datadas.

A recuperação da narrativa com valorização do seu suporte oral, visível no progressivo espaço que os contadores de histórias estão a ter no mundo desenvolvido (onde se inclui Portugal), materializa-se, por exemplo, na leitura em voz alta. Todos os investigadores da obra aquiliniana⁴ têm insistido na originalidade da vertente linguística como uma mais-valia para o prazer do texto. No ano em que se celebra o centenário do nascimento de Aquilino Ribeiro e a Assembleia da República decide que o Panteão Nacional será a sede para os seus restos mortais, é de elementar justiça que pais e professores redescubram junto das crianças os livros que para elas o nosso Autor escreveu com uma afectividade extrema.

³ De extraordinária actualidade sobre esta matéria leiam-se duas crónicas, da autoria de Eduardo Prado Coelho, publicadas na coluna "O fio do horizonte", no jornal *Público*, em 10 e 11.07.07.

⁴ Veja-se a este propósito Henrique Almeida, *Aquilino Ribeiro e a Crítica*, Porto, ASA, 1993.